

ARTES PLÁSTICAS

HOJE

• Rossini Perez. Num semestre que já assistiu boas apresentações de gravadores brasileiros no Rio — a retrospectiva de Livio Abramo e os conjuntos de Samico, Krajcberg e Emanuel Araújo na Arte Agora II — a individual de Rossini se inclui como outra contribuição positiva. São séries novas de gravuras em metal e litografias que ele elaborou inclusive sob influência do período há pouco passado como professor no Senegal. Gravura Brasileira, Rua Belfort Rozo, 161, loja B, das 14h às 22h.

• Luiz Aquila da Rocha Miranda. Retraído por temperamento, esse carioca de 1943, com vivência de Brasília e aperfeiçoamento em Paris e Lisboa, já vem desenvolvendo seu desenho e pintura há mais de 15 anos. A tônica, nele, é o registro abstratizante das coisas do mundo objetivo, sobretudo a paisagem. Divulgação e Pesquisa, Rua Maria Angélica, 37, das 10h às 22h.

• Angelo de Aquino. Ao contrário de Luiz Aquila, este é um artista de constante presença em cena. Em mais uma individual, propõe investigação em torno da identidade do artista — trabalho em processo desde 1971, com o agrupamento de 80 respostas de brasileiros e estrangeiros a partir de uma ficha-questionário padrão. Escola de Artes Visuais, Parque Lage, Rua Jardim Botânico, 414, das 9h às 22h. Até dia 10 de julho.

HOJE E AMANHÃ

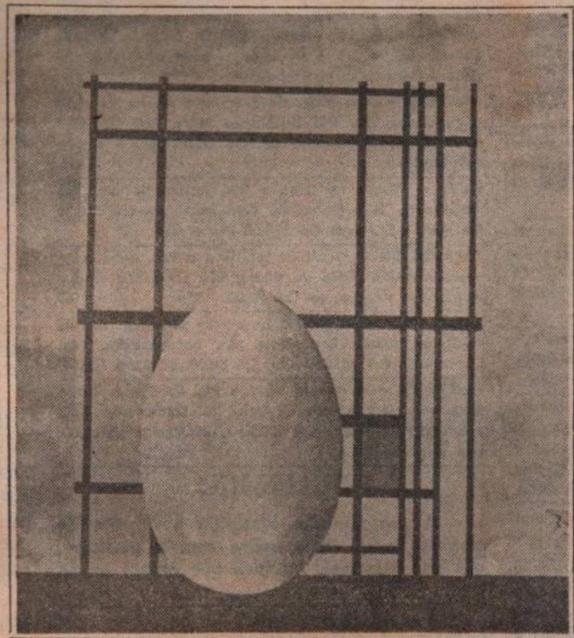
• Portinari e Di. Ler comentário à parte. Galeria Bonino, Rua Barata Ribeiro, 578, das 10h às 12h e das 16h às 22h. Até dia 9.

• Caulos. Com uma série recente de 25 grandes desenhos e quase uma centena de originais reproduzidos ao longo de sua colaboração diária no JORNAL DO BRASIL, o mineiro de Araguari, há algum tempo fixado entre nós, demonstra toda a sua crescente concentração num tema quase exclusivo: os usos da arma do humor contra os abusos do poder. Petite Galerie, Rua Barão da Torre, 220, das 15h às 22h (sexta) e das 18h às 21h (sábado). Até dia 7.

• Marek Halter. Desenhos onde cenas de guerra são retratadas mais ou menos explicitamente, às vezes tentando a abordagem conceitual, compõem a segunda individual no Brasil do artista nascido em Varsóvia, 1937, e hoje residindo em Paris. Graffiti Galeria de Arte, Rua Maria Quitéria, 85, das 11h às 22h 30m

O melhor roteiro

Enquanto algumas exposições se encerravam, apenas duas mostras de interesse se acrescentaram ao panorama carioca, nos últimos dias: no MAM, a comemorativa do 20.º aniversário da morte de Lasar Segall, itinerante por outras capitais; na Escola de Artes Visuais, a experimental de Ângelo de Aquino, em torno da identidade do artista. E será no MAM, aproveitando o final da amostragem da Arte Agora II / Visão da Terra, o encontro entre artistas, críticos e público, amanhã e domingo próximos, para um debate com foco na arte brasileira.



Pintura da série Galeria Antropofágica, do mineiro Márcio Sampaio, um dos artistas da Arte Agora II / Visão da Terra que estará presente ao debate deste fim de semana no MAM

(sexta) e das 9h 30m às 21h (sábado). Últimos dias.

HOJE, AMANHÃ E DOMINGO

• No MAM, sai a Arte Agora, entra Segal. O público tem neste fim de semana a última oportunidade de ver e comparar os trabalhos de Antonio Henrique Amaral, Maia, Emanuel Araújo, Brenand, Krajcberg, Samico, Glauco Rodrigues, Ione Saláanha, Espindola, Márcio Sampaio, Millör e Valentin, reunidos na Arte Agora II / Visão da Terra — uma mostra que se propôs em questão os caminhos de uma arte brasileira. Verá também, no MAM, a recém-inaugurada amostragem de pinturas, desenhos, gravuras e esculturas de Lasar Segall — este que foi um dos primeiros a trazer e a fixar a mensagem da arte moderna entre nós. Museu de Arte Moderna, Av. Beira-Mar, das 12h às 19h (sexta e sábado) e das 14h às 19h (domingo).

• Testemunho Artístico das Culturas Pré-Incaicas. Uma das raras coletivas de interesse abertas por aqui no semestre findo, ela engloba duas centenas de cerâmicas e peças de metal, madeira, pedra e tecido de diversas culturas pré-incaicas. Galeria Luiz Buarque de Hollanda & Paulo Bittencourt, Rua das Palmeiras, 19, das 14h às 22h. Até dia 31 de julho.

• Takashi Funkushima. Na primeira linha dos artistas nipo-brasileiros, sua pintura, de fundamento lírico e caligráfico, continua enraizada numa abstração tipicamente oriental. Galeria Ipanema, Rua Anibal de Mendonça, 27, das 11h às 23h (sexta), das 10h às 13h (sábado) e das 16h às 21h (domingo).

Roberto Pontual

DAVID DA COSTA — Pinturas. Cantinho da Arte, Hotel Everest, Rua Prudente de Moraes, 117. Diariamente, das 10h às 22h. Até dia 10. Vernissage hoje, às 21h.

1.º ENCONTRO NACIONAL DAS GALERIAS DE ARTE — Mostra de 304 obras de artistas brasileiros e estrangeiros pertencentes ao acervo de 37 galerias, de cinco Estados. Copacabana Palace Hotel, Av. Copacabana, 291. Diariamente, das 10h às 21h. Até dia 10. Inauguração hoje, às 18h.

SALÃO DE PINTURA E ESCULTURA — Mostra de obras de cerca de 30 artistas, entre os quais Abelardo Zalu, Krajcberg, Marília Kranz Pietrina Checacci, Moriconi e Ronaldo Miranda. Museu da Imagem e do Som, Pça. Rui Barbosa, 1. De 2a. a 6a., das 10h às 17h.

SATYRO MARQUES — Pinturas. Galeria Casablanca, Rua Marquês de S. Vicente, 52. De 2a. a 6a. das 14h às 22h, sáb. das 10h às 21h. Até dia 16.

TAPEÇARIAS — Trabalhos de Bia Vasconcelos, Gilda Azevedo, Maria Kikoler, Maria Helena Andrés, Marília Torres e Mary Ann Pedrosa. Eucatexpo, Av. Princesa Isabel, 350. De 2a. a 6a., das 14h às 22h. Sáb. das 16h às 22h. Até dia 18.

RUI DE OLIVEIRA — Desenhos. Galeria do IBEU, Av. Copacabana, 690/2º. De 2a. a 6a., das 16h às 22h. Até dia 6.

SA' PEIXOTO — Jóias, tapeçarias e crayons. Galeria da Secretaria Municipal de Turismo, Rua São José, 90 — 6º andar. De 2a. a 6a., das 11h às 17h. Até dia 15.

GILBERTO TROMPOWSKY — Pinturas, entre as quais a série intitulada Sinfonia Amazônica. Museu Nacional de Belas-Artes, Av. Rio Branco, 199. De 3a. a 6a., das 12h30m às 18h30m, sáb. e dom., das 15h às 18h. Até dia 10.

PERCY LAU — Desenhos e aquarelas. Galeria de Arte Saramenha, Rua Marquês de São Vicente, 52, loja 168. De 2a. a 6a., das 10h às 19h, sáb. das 10h às 16h. Até dia 20.

COLETIVA — Obras de Sigaud, Jenner Augusto, João Camara, Volpi, Di Cavalcanti, Cicero Dias, Teruz e Mabe, entre outros. Galeria B-75, Rua Prudente de Moraes, 129. Diariamente, das 16h às 24h.

NUS ARTÍSTICOS DE ANTONIO PARREIRAS — Exposição composta de 20 óleos e cinco desenhos. No 1º andar, mostra de objetos pessoais do artista e paisagens de sua autoria, restauradas por Edson Mota. Museu Antonio Parreiras, Rua Tiradentes, 47, Ingá — Niterói. De 3a. a dom., das 13h às 17h. Até dia 17.

GRUPO ART 5 — Coletiva com obras de Fernando V.

Silva, Vidal. Helitor dos Prazeres, Filho, Roberto C. Oswaldo e Bandeira. Museu Universitário Augusto Mota, Av. Paris, 60 — Bonsucesso. De 2a. a 6a., das 9h às 12h. Até dia 9.

COLETIVA — Pinturas, tapeçarias e gravuras de Manebu Mabe, Bianco, Tomie Ohiake, Toyota, Ianelli, Maria Bonomi, entre outros. Galeria Contorno, Rua Marquês de São Vicente, 52 loja 261. De 2a. a 6a., das 10h às 19h.

OXANA — Esculturas. Galeria Irlandini, Rua Teixeira de Melo, 31. De 2a. a 6a., das 14h às 23h sáb., das 14h às 19h.

MARCELO MARTINEZ — Pinturas. Galeria Celina, Rua Teixeira de Melo, 37. De 2a. a 6a., das 10h às 18h, sáb. das 10h às 13h.

ROGERIO S. — Pinturas. Signo Galeria de Arte, Rua Visc. de Pirajé, 580. De 2a. a sáb. das 14h às 22h. Até dia 7.

LINY ANEFF — Pinturas. Spaes, Rua Nascimento Silva, 244. De 2a. a 6a., das 9h às 19h. Sáb. das 9h às 12h. Até dia 15.

EXPOSIÇÕES

CURIOSIDADE DE OUTRORA — Coleção de miudezas antigas, de objetos de tocador a jóias, porcelanas, talheres, brindes e moedas, entre outros objetos preciosos em uso no Rio de Janeiro do século passado. Mostra organizada pelo antiquário e colecionador Paulo Afonso de Carvalho Machado. Museu Histórico da Cidade, Estrada Santa Marinha, Parque da Cidade. De 3a. a dom., das 13h às 17h. Último dia.

ARTESÃO DO MAR — Mostra de 51 peças executadas por pescadores do Estado do Rio, Paraná, Ceará, Pará e São Paulo, entre os quais vários tipos de redes, agulhas, bóias, cestos, miniaturas de barcos, armadilhas, colares, e enfeites com estrelas do mar. Museu de Artes e Tradições Populares. Rua Presidente Pedreira, 78 — Ingá, Niterói. De 3a. a dom., das 13h às 17h. Até dia 30.

OLIVEIRA VIANA — Em comemoração ao aniversário de nascimento de Francisco José de Oliveira Viana, mostra de originais inéditos, primeiras edições, anotações e obras do sociólogo e escritor. Biblioteca Municipal de Niterói, Praça da República. De 3a. a dom., das 10h às 17h. Até dia 10.

EDIFÍCIOS FAZENDÁRIOS NOS ESTADOS — Maquetas de prédios construídos pelo Ministério da Fazenda para sede de suas repartições nos Estados e fotos antigas dos prédios anteriores. Ministério da Fazenda, Av. Pres. Antônio Carlos, 375. De 2a. a 6a., das 11h às 17h. Até dia 29.

Foco Sobre

Portinari e Di: agora na mesma

Di morto, Di posto. A verdade é que com a morte de Di Cavalcanti, seguindo-se à de Vicente do Rego Monteiro e à de Tarsila do Amaral, em 1971 e 1973, passa definitivamente à categoria de história, momento encerrado no tempo, a primeira fase do nosso modernismo. Foi a fase de maior radicalidade no ciclo iniciado em meados da década de 10, estendendo seu combate contra a geléia geral acadêmica, nas artes todas, até o fim dos anos 20. A esse período seguiu-se um outro no mesmo ciclo, típico das circunstâncias que marcaram a presença de Vargas no Poder, da Revolução de 1930 ao término da guerra; aí, quem melhor representou a vontade de sedimentação e de oficialização das conquistas iniciais do modernismo foi Portinari, morto mais jovem que os outros três, em 1962.

A idéia de reunir alguns trabalhos significativos de Di e Portinari — como está fazendo agora a Galeria Bonino — tinha tudo, portanto, para ser útil e oportuna. A irreverência, a intensidade emotiva, a aparente despreocupação formal, a sensualidade e o predomínio das influências expressionistas e surrealistas, constantes na pintura de Di Cavalcanti, contrapõem-se à seriedade, à frieza, ao controle do gesto criador, ao exercício da razão e ao acordo entre cubismo e expressionismo, que marcaram a parcela maior da obra de Portinari — tanto quanto o combate ardoroso da primeira década modernista se contrapõe à pausa para meditação



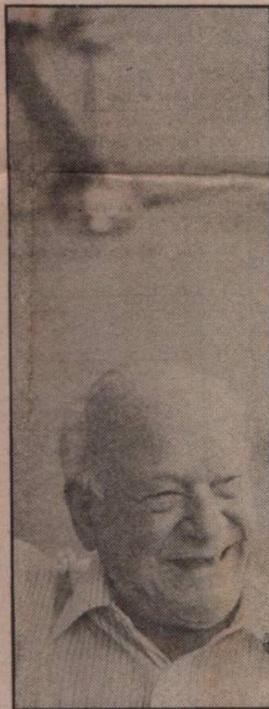
Di Cavalcanti / Figura com Peixe / óleo sobre cartão / 1927

que a ela sucedeu. Di na primeira, Portinari na segunda — eis um bom quadro daqueles tempos cada vez mais distantes.

Curioso, mas compreensível, é que postas atualmente lado a lado as pinturas de Di e Portinari atenuam muito suas antigas diferenças. Ninguém há de negar o específico da personalidade de ambos os artistas, os pontos-de-vista que os colocaram, quando em vida, em posições antagônicas. Hoje, porém,

na mesma situação de mortos ilustres, a obra que deixaram começa a revelar acordos mútuos insuspeitados. E me rejizo não apenas a certas constantes temáticas, de brasilidade explícita (a gente de origem negra, por exemplo), mas também a soluções de composição e de cor (a figura humana expressionisticamente deformada, os tons se adensando e se acalorando) que fazem calar as velhas discordâncias.

De tudo que os separava, restam mais os ecos de atitudes belicosas. Como as palavras de Di, em carta de 1957 ao crítico Jayme Maurício, comentando a frase "detesto a pintura de Portinari", que a imprensa carioca acabara de lhe colocar na boca: "Quem não me conhece pode pensar que eu sou um invejoso, um amargurado com as glórias alheias. Não é nada disso: minha irritação com Portinari vem de eu considerá-lo um frustrado dentro do modernismo, quando poderia ser uma grande figura dentro do realismo brasileiro. A culpa é muito menos dele do que daqueles que o levam a executar grandes máquinas picturais. Detesto essa pintura e isso não quer dizer que deteste o autor." Como ser humano, Di terá sido visceralmente distinto de Portinari — e o melhor retrato que se lhe faz até hoje foi, a meu ver, o filme de Gláuber girando em torno de sua morte recente. Mas nem tanta diferença se transferiu para a obra que os dois produziram. E' o que prova, compactamente, a exposição atual da Bonino. (R.P.)



No I Encontro Nacional de Galerias de Arte, que se inaugura hoje no Copacabana Palace, o pintor Alfredo Volpi tem uma mini-retrospectiva (óleos de 1940 a 47) apresentada pela Galeria Grifo, de São Paulo